

GÊNERO E REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA AFRODESCENDENTE NA
ANTOLOGIA *POETAS NEGRAS BRASILEIRAS*

*GENDER AND AFRO-DESCENDANT LITERARY REPRESENTATION IN THE
ANTHOLOGY POETAS NEGRAS BRASILEIRAS*

Tania Yumi Tokairin¹

Historicamente, a literatura negra se desenvolveu e se manteve graças aos esforços de seus próprios representantes, muitas deles participantes de movimentos negros organizados dos quais emergiram intelectuais e artistas referenciados na cultura brasileira. O mercado literário quase não investia nesse seguimento, ignorando a existência de um público leitor ávido por livros de autoria negra, que falassem de sua história e de temas de seu real interesse. Hoje, tenta-se reverter essa enorme dívida literária por reconhecer, publicar e premiar obras de escritores e escritoras afrodescendentes.

Como ocorreu com as demais minorias, sua literatura foi alijada pelo predomínio de uma escrita construída por valores que não a representavam, revelando uma sociedade pautada pela branquitude. Os avanços sociopolíticos são insuficientes diante de uma estrutura eurocêntrica e patriarcal, e as escritas das mulheres, sejam brancas, indígenas, negras, LGBTQIA+ ou marginalizadas, ainda são consideradas inferiores, exóticas ou moda passageira. No caso da literatura negra, a

¹ Doutoranda (bolsista CNPq), USP.

injustiça é acentuada pois o direito de escrita dessas mulheres foi sistematicamente podado, tratando-se de uma das minorias atacadas com mais crueldade na sociedade.

As autoras negras foram preteridas em relação a escritores e escritoras brancos por fatores discriminatórios como a desigualdade de gênero e o privilégio racial. Ser mulher, negra e poeta é extremamente penoso em um país marcado por tantas formas veladas e não assumidas de preconceitos e intolerâncias, sendo necessário lutar pela igualdade literária para todas as mulheres. É nesse cenário que a autora cearense Jarid Arraes surge como uma importante referência, sendo a responsável pela organização do livro *Poetas Negras Brasileiras: uma antologia* (2021), mesclando nomes já reconhecidos como Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Nina Rizzi e a própria Arraes, e apresentando novos talentos, com um total de 74 poetas. Nesse projeto de (re)descoberta da autoria negra, Arraes se destaca como uma voz relevante no espaço literário porque traz consigo mais vozes, a exemplo de *Heroínas Negras Brasileiras: 15 cordéis* (2020), livro que já seguia a perspectiva feminista dessa antologia. Acolhendo todas que lhe enviaram poemas para a seleção da coletânea, Arraes oportunizou a publicação de poetas inéditas, como salienta:

Aqui, os leitores encontrarão obras escritas por poetas negras de muitas origens e estéticas. Dos 18 aos 70 anos. Para todas as preferências poéticas, de diferentes regiões do Brasil, poetas que já são grandes referências e poetas que ainda não publicaram seus escritos. [...] Essa grande variedade é a prova de que mulheres negras escrevem e não cabem em apenas uma categoria temática. É a prova de que curadores que não incluem mulheres negras em seus eventos literários precisam ampliar seus repertórios. Mulheres negras escritoras existem, insistem e resistem. (ARRAES, 2021, p. 10).

A antologia poética, visando a um recorte pré-determinado, permite às poetas mostrarem um mundo próprio, revelando as suas várias facetas. Elencadas em ordem alfabética, cada autora contribuiu com um poema, independente da extensão, do formato ou do conteúdo. Os temas, fugindo aos da branquitude canônica, expressam a urgência poética negra, voltando-se à ancestralidade africana, à diáspora negra, à

resistência política, ao feminismo, à luta de Marielle Franco, à autoestima e empoderamento das mulheres, à mística de matriz africana; afirmando-se contra o assédio moral e sexual, o genocídio da população negra, a pobreza, o sexismo, a misoginia e o racismo.

Sendo ou não afrodescendente, deve-se lutar pela igualdade de direitos no campo literário e em outras áreas, pois a democracia também implica deveres, tais como lutar contra as injustiças e a discriminação de pessoas e grupos minoritários. Trata-se da necessidade de demarcar um espaço de escrita pelo direito de existir, como reivindica a voz lírica do poema “sôu”, de rebecca victória rocha. Seguindo bell hooks, feminista estadunidense recentemente falecida, rebecca assina seu nome em letras minúsculas e, metaforicamente, afirma-se: “sou bruta / sou giz / risco.” (ARRAES, 2021, p. 114).

Há grande diversidade de estilos entre as autoras. O que as une é o fato de amarem a escrita da poesia, pois através dessa prática falam livremente sobre o que lhes é mais caro. Nos versos de “The words I wrote for you”, de Marina Farias, alguns vocábulos em inglês revelam sentidos especiais, como “Madness”, que é classificado como “tudo aquilo que nos liberta, mas não é socialmente aceito”, e “Poetry — [em qualquer idioma]”, definido como “ato sagrado de fazer amor com as palavras.” (ARRAES, 2021, p. 94-95). A poesia, vista então como uma linguagem singular, é aquela que mais se abre ao imaginário poético, prestando-se às escritas vibrantes de mulheres negras criativas e corajosas.

Os assuntos se constroem pela variedade de vozes presentes em cada texto, e espelham-se nos versos de Thamires P., em “A rotina do poema”, cuja voz lírica alega que: “poetas são gente / tão gente / que falam daquilo / que todo mundo sente.” (ARRAES, 2021, p. 122). Verifica-se, ainda, que cabe à poesia das mulheres negras mostrar um viés mais confessional e autobiográfico, como declara a primeira estrofe

do poema “Lima da Silva”, da poeta Zainne Lima da Silva: “olhar num espelho / só a prata ou só o vidro / vasculhar documentos / confessar: essa sou eu” (p. 124).

O memorialismo se faz presente em vários poemas como lembranças das antepassadas escravizadas, fatos da infância ou mesmo da adolescência ainda recente e lembranças de experiências vividas ou imaginadas. A coletânea *Poetas Negras Brasileiras* (2021) está repleta de biografias de inúmeras mulheres unidas pelo passado, presente e futuro, que formaram, formam e continuarão a formar a alma de toda poeta afrodescendente que ousa escrever sua própria “poesia-história”, como bem acentua Jéssica Regina em “Todas as cores de preta”:

E pintei-me / Com as cores da ousadia negra
Com as cores que sempre me couberam
Com as cores que nunca me pintaram
Pintei cabelo, boca e fala
Crespa assumida não mais escondida
Consciência, poder e beleza!
Pintei-me de África Mãe
Dandara, Tereza, N'zinga
Pintei-me África Viva
Congo, Ndongo, Benguela
Pintei-me em estampas, tecidos e formas
Verde, vermelho, amarelo
Pintei-me em inspiração ancestral
Tatuagem sobre a pele
[...]
Sou preta
Sou negra de todas as cores.
De todos os tons
Sou todas as cores.
Sou todas as pretas. (ARRAES, 2021, p. 58-59).

A urgência da fala é algo que se constata em muitos poemas dessa leva, pois, por um espaço de tempo quase infindável, a sociedade negou às mulheres negras a possibilidade de se expressarem abertamente, limitaram-nas de falar sobre suas dores e mazelas sociais, negaram a elas o direito de se orgulharem de suas origens africanas e de darem vazão à sua autoestima. O caminho da arte, portanto, é um meio de

libertação da invisibilidade e do silenciamento imposto estruturalmente, tornando-se uma forma peculiar de conhecimento, comunicação e expressão. O direito à fala das autoras negras é levantado na mensagem da contracapa do livro:

Ainda estamos apenas começando a assistir à inclusão dessas vozes no repertório dos estudiosos da literatura brasileira. Mas é claro que aqui estamos para escancarar todas elas, pois chegou a hora de seus temas e de suas histórias. As autoras desta antologia são pioneiras no caminho de novas presenças no repertório das letras do Brasil. (ARRAES, 2021).

De fato, a antologia *Poetas Negras Brasileiras* (2021) traz um frescor original à literatura brasileira contemporânea. Além de satisfazer a quem busca conhecer o trabalho de novas poetisas, amplia os conhecimentos acerca da poesia, suscita o surgimento de mais autoras negras e fomenta a pesquisa afrodescendente. O campo da poesia, por sua vez, renova-se, enriquece-se na diversidade de vozes, temas e estéticas, com mais opções de leitura, colaborando na formação de um público leitor maior, mais diversificado e interessado.

Enfatiza-se, portanto, a urgência das mulheres negras nas universidades, estudando, pesquisando e lecionando a literatura que lhes diz respeito, tecendo sua própria história literária, inserindo-a no cânone. E para que as mudanças aconteçam de forma efetiva, deve-se potencializar as políticas públicas em educação, essenciais para garantir a formação universitária das minorias sociais do país.

O cânone e os parâmetros institucionais que pautam o mercado literário, apesar das atualizações, mostram-se ainda atrelados ao domínio da mentalidade econômica que rege o país, dificultando o acesso das escritoras e leitoras negras aos espaços da literatura. Por isso, subvertendo a ordem institucionalizada, as próprias autoras vêm assumindo a responsabilidade de publicar suas obras, como Jarid Arraes que organizou a antologia *Poetas Negras Brasileiras* (2021). Considera-se que uma fértil semente foi plantada no campo da poesia brasileira contemporânea e ela renderá muitos e mais belos frutos literários, pois já vislumbra a poeta Ana Fátima no poema

“Nas tramas da carapinha”: “O encanto da floresta que habita em minha carapinha / é nunca deixar de semear possibilidades, / vontades e desejos / Desejos de amores do mar / vontades de nascer Rio / e afluir poesia.” (ARRAES, 2021, p. 14-15).

Significado semelhante surge também no poema “Da potência de nossa escrita”, de Marli Aguiar, mesclando a força da natureza à arte da poesia, cuja estrofe final celebra:

Algo germina no fundo da terra fértil
Cozinha no caldeirão que balança
de nosso próprio corpo.
E nas salas, salões de escritas
Se cria e recria,
Sementes que germinam,
Passado, Presente e Futuro.
Algo novo já nasceu e cresce,
Nossa Poesia. (ARRAES, 2021, p. 96-97).

Concluindo esta resenha com esses versos potentes, almeja-se que mais mulheres escrevam e divulguem seus poemas, inspirando-se na autenticidade das bravas poetas negras brasileiras, pois a luta literária das mulheres está aberta a todas as cores, ressaltando-se que a defesa da equidade de direitos deve prevalecer à superioridade de uma escrita sobre outra, seja ela qual for.

REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid (Org.). *Poetas Negras Brasileiras: uma antologia*. 1ª ed. São Paulo: Editora de Cultura, 2021.

Recebido: 06/07/2022

Aceito: 30/08/2022